

# A normalidade do mal

Por: Maria Clara Bingemer

A tortura, segundo o *Aurélio*, dicionário da língua portuguesa, define-se como suplício ou tormento violento infligido a alguém. Por sua vez, suplício é definido como dura punição corporal, imposta por sentença. No ato de torturar, é a vulnerabilidade corpórea do ser humano, sua fragilidade, o lugar de sua dor que é atacado, produzindo uma sensação que vai do desagradável ao intolerável e enlouquecedor. O tormento e a aflição produzidos pela tortura são variáveis em intensidade e em extensão de localização, e produzidos pela estimulação de terminações nervosas especiais.

A tortura, porém, não se limita ao corpo do indivíduo. Atinge igualmente seu psiquismo. Ao estimular os pontos vulneráveis do corpo, ao atormentar a pessoa colocando-a indefesa e exposta em situações vergonhosas, humilhantes, é todo um outro continente da dor que é acionado. O desconforto sentido, a dor física e a perda da dignidade mais profunda e básica minam e agredem a integridade corpórea, mental e espiritual do indivíduo, atirando por terra e levando à atrofia quase total a integralidade do seu ser.

Parece incrível que em pleno século XXI, com todos os avanços tecnológicos, científicos e intelectuais alcançados pela humanidade, ainda se assista ao triste espetáculo de seres humanos infligindo a outros os mais cruéis e humilhantes suplícios, para obter à força confissões de culpa ou delações, ou ainda, gratuitamente, apenas para cumprir o ritual que parece ser o da guerra e o da violência. Parece incrível que a mesma humanidade que presenciou o holocausto nazista e gritou "nunca mais"; que baniu com decisão os cruéis abusos cometidos nos porões do socialismo real; que nas diversas ditaduras militares que assolaram o continente latino-americano proclamou "tortura nunca mais", seja obrigada a ver na mídia o desolador espetáculo das torturas cometidas contra prisioneiros de guerra iraquianos.

Todos que têm um mínimo de sensibilidade e ainda não perderam por completo a capacidade de espantar-se ou indignar-se certamente estremeeceram de horror diante das fotos de seres humanos arrastados pelo chão com uma corda amarrada ao pescoço como se fossem bichos; ou corpos humanos amontoados uns por cima dos outros em macabra pirâmide. E em meio a todos esses horrores, os torturadores riam, se divertiam, conversavam, tiravam fotografias e bebiam, como se estivessem em uma casa de espetáculos, desfrutando de um descontraído momento de lazer.

Ao começar o julgamento, em corte marcial, pudemos acompanhar a atitude envergonhada de um dos julgados ao tomar consciência e reconhecer a culpa do crime cometido. Porém, ao mesmo tempo, mergulhamos na suprema e chocante perplexidade de escutar dos lábios de uma mulher, a soldado Lynndie England, declarações de um cinismo impressionante. Segundo ela, isso é normal em uma guerra. Ainda segundo a soldado, foi apenas para se divertirem, ela e o namorado, que haviam feito tais coisas aos presos.

Lynndie não parecia abalada ou comovida diante de seus atos. A dor que infligira aos outros não a tirava de sua fria serenidade: continuou afirmando ser normal acontecerem essas coisas durante uma guerra. E o processo de desumanização, de verdadeira animalização, a que submeteu os presos seria apenas para usufruir de um pouco de diversão em um Iraque onde uma guerra enfadonha não tinha muitas opções de lazer a oferecer.

Não podemos deixar de lembrar a notável pensadora judia Hannah Arendt que, ao assistir ao julgamento do carrasco nazista Eichmann, e ver sua atitude fria e controlada enquanto descrevia suas atividades no campo de concentração, escreveu páginas imortais sobre a banalização do mal. Ou de outra judia convertida ao cristianismo, a filósofa Simone Weil, que escreveu textos notáveis sobre a violência como processo de coisificação da pessoa humana.

Não podemos também deixar de bater no peito e sentirmo-nos responsáveis, senão por atos explícitos, ao menos por omissão. Se cada um de nós consegue assistir a essas cenas que a mídia expõe e continuar sua rotina normal de cada dia, algo vai muito mal dentro de nós. O mal e o pecado se tornaram normais, parte integrante do desenrolar do nosso tempo. E não temos mais capacidade ou energia para sair de nós mesmos e ver que, quando um só ser humano é agredido a esse ponto em sua dignidade de criatura de Deus, estamos todos ameaçados e o futuro da raça humana passa a ser algo cada vez mais curto e pobre de horizontes, expectativas e esperanças.